Imigrantes ucranianos em Curitiba: lugares pensados para a cultura do outro em uma cidade verticalizada

Ukrainian immigrant in Curitiba: places thought to the culture of another in a vertical city

Paulo Augusto Tamanini
Doutorando, PPGH-UFSC
paulo.ufsc@terra.com.br

Resumo: A pertinência de certos temas ou problemas inerentes aos assuntos de grupos etnicos alocados em meio urbano tem aproximado saberes e evidenciado fontes importantes para a historiografia. No regime moderno de historicidade, os pequenos eventos, a vida privada e o cotidiano dos pequenas ou grandes bairros, por exemplo, destacam-se à medida que se revelam cheias de sentidos e significados, próprios para a percepção do mundo no qual homens e mulheres se relacionam entre si, inseridos no emaranhado de prédios e praças, típicos das cidades modernas. Este artigo discorre sobre o antigo bairro dos *ucraínos* que foi totalmente repaginado, pontuando como seus habitantes sentiram o progresso chegar a sua porta e o quanto este fato lhes exigia alterações de seus costumes.
Palavras-Chave: Ucranianos em Curitiba; bairro Bigorrilho; lugares e práticas culturais

Abstract: The relevance of certain issues or problems relating to issues of ethnic groups in urban areas has allocated approximately evidenced knowledge and sources for the historiography. In the modern regime of historicity, small events, private life and the daily lives of small and large districts, for example, stand out as they reveal the full sense and meaning, fit for the perception of the world in which men and women relate to each other, inserted into the maze of buildings and squares, typical of modern cities. This article discusses the old quarter of which was completely redesigned Ucraina, scoring as its inhabitants felt progress come to your door that required them to change their ways.
Keywords: Ukrainians in Curitiba; Bigorrilho neighborhood, places and cultural practices

No regime moderno de historicidade, o homem deixa de ser analisado somente pelo crivo da razão, para ser percebido também em suas subjetividades e em seus pertencimentos abrindo ao pesquisador novas maneiras de compreendê-lo. Às ciências humanas interessa compreender o homem e a mulher do campo e/ou da cidade em sua totalidade, inclusive em sua dimensão mística. Assim, torna-se importante entender não somente que a diversidade religiosa existe – sobretudo nos centros urbanos- , mas que vários são também os sentidos e suas definições. Podemos dizer então que a forma de se expressar religiosamente no campo e na cidade tem algumas peculiaridades, já que o lugar onde se expressa e se materializa a fé

também é uma forma de linguagem, de comunicação que informa algumas especificidades do sagrado em meio urbano.

A integração e a legitimação de motes que abordem expressões religiosas diversas tornam-se um intrigante desafio para os pesquisadores, uma vez que ser cristão em um país multicultural como o Brasil, não significa necessariamente ser católico romano ou evangélico. Nas brechas do mosaico religioso da *Terra da Santa Cruz* inserem-se as igrejas ortodoxas (estabelecidas no Brasil junto às comunidades imigrantes desde o final do Império), com seus templos em estilo bizantino-eslavo, com seus ritos e símbolos, com estruturas doutrinárias e disciplinares específicas,

Como estas igrejas não podem ser entendidas como realidades estanques, mas na interação com o contexto cultural onde se situam, investigá-las neste permanente intercambio oportuniza não só conhecê-las em suas contínuas recomposições e rupturas, mas na maneira como se anunciam, se apresentam e se identificam. Se o sujeito tece relações, cria círculos de saberes, participa e posiciona-se diante das refrações da vida pública e privada, os membros das igrejas ortodoxas ao se inserirem em meio a sociedade plural, de certo modo, anunciavam por suas condutas um pertencimento religioso diferente dos demais o que por si só desbanca a pretensão de se legitimar a presença de apenas um único ramo do cristianismo no país, qual seja, o latino: romano, protestante , (neo) pentecostais, com suas possíveis ramificações. Mesclado a tantas igrejas latinas, o rito bizantino contracena em espaços próprios, no interior das poucas igrejas e catedrais ortodoxas eregidas pelos imigrantes europeus e eslavos desde o final do século XIX.

Contudo, se é no interior dos templos que o sentimento de pertença se revigora, é justamente fora deles que ele é testado. Se ao chegarem ao Brasil, o sentimento de pertença e o cuidado de se preservar ritos, condutas, posturas eram mais asseverados, com a modernidade e vivendo em espaços urbanos, também os ortodoxos ucranianos procuraram reelaborar performances diferenciadas na profissão e vivencia da fé. Assim, este artigo preocupa-se em tecer alguns apontamentos sobre o lugar em que os imigrantes ucranianos que professavam a fé cristã de vertente ortodoxa se estabeleceram. A vila dos *ucraínos,* com a urbanização e ao sofrer intervenção do poder público, de um local com peculiaridade rural, transformou-se em um centro de referência do desenvolvimento de Curitiba, ganhando inclusive outro nome: bairro Bigorrilho. Investigo, então, em que medida a remodelação do *locus* de estabelecimento motivou as famílias e o poder público local a preservarem os bens

culturais da etnia, lhe dando visibilidade e materialidade em meio aos espaços da urbe. Para buscar as informações que dão suporte às análises que contemplem os temas 'bens culturais e a cidade', depoimentos tomados de imigrantes que moravam no bairro, atentam para perceber a relação dialética entre o lugar e o conjunto de crenças e práticas culturais do grupo. Se de um lado a urbanidade tende a homogeneizar lugares que se criam específicos, por outro, quando há interesse, reforça as identificações étnicas nos espaços apropriados.

Nas décadas de 1950 e 1960, a cidade de Curitiba -PR ficou marcada não só pelos grandes investimentos do governo federal e estadual que realizaram obras de grande envergadura em urbanismo, concretizando muitos dos desejos e anseios de uma classe abastada que esperava pela modernização da capital. O fervilhar do progresso urbano trouxe para Curitiba não só a circulação da técnica e dos saberes de um futuro centro metropolitano, como a multiplicidade étnica marcada pelos variados fenótipos, crenças e idiomas que aprenderam (forçosamente ou não) a compartilhar o mesmo espaço territorial.

Assim, se no centro de Curitiba, as obras aconteciam em ritmo acelerado, nas vilas mais afastadas os imigrantes preservavam as práticas rurais das cidades do interior, no ritmo a que estavam acostumados. Às margens dos grandes canteiros de obras, imigrantes italianos, espanhóis, alemães e ucranianos dedicavam-se às atividades agropecuárias fornecendo o que produziam, às donas de casa, de porta em porta ou nas feiras livres do centro da cidade.

A capital do Paraná parecia então ser o palco no qual se desenvolviam cenas coletivas com tanta desenvoltura e maestria, que o todo citadino desfibrilava-se em um visível mosaico étnico: imigrantes vindos de diferentes países europeus (e outros, de estados brasileiros) testemunhavam o erguimento de uma outra Curitiba. Chegaram de diferentes lugares, em geral de grandes centros, e traziam consigo referenciais e valores assimilados em seus locais de origem. Com o crescimento da cidade e a conseqüente heterogeneização de sua população, novos mundos sociais coexistiam e disputavam territorialidades, deixando suas referências e fontes para uma possível identificação étnica no complexo mapeamento do local que os acolheu.

Ao pesquisar os bairros que margeiam a área central de Curitiba, observa-se que os imigrantes marcaram o lugar de recepção de tal forma, com elementos identitários de ordem familiar, comunal e religiosa, que ainda hoje, identifica-se facilmente onde estavam aglomerados: no centro, os imigrantes árabes; os italianos, no bairro Santa Felicidade; os espanhóis em Osório; os ucranianos no Bigorrilho etc. Nestes locais, até a década de 1970, a

igreja tinha um lugar de predominância e era em seu redor que as casas eram construídas e a vida prosseguia dirigida pelos preceitos religiosos.

Se o bairro é a soma de ruas, de avenidas, aonde casas e prédios são perfilados e numerados, a geografia do lugar, produto da imaginação e racionalização humanas, rege-se pela duração de uma intencionalidade. Se algumas ruas são pensadas e posteriormente projetadas a partir de uma idéia, outras ganharam a benevolência dos arquitetos e paisagistas, após algum tempo da feitura inicial: bairros que nasceram da necessidade de morar ganharam contornos urbanos após uma readequação e conformação dentro do planejamento e urbanização. Por vezes, coexistem lugares projetados em lugares que tiveram sua gênese na indigência: a *vila dos ucraínos,* por exemplo, formou-se pela aglomeração de casas que se estendeu até os lugares mais afastados da igreja que é o centro polarizador da maioria das comunidades imigrantes. No início, as casas obedeciam ao serpentear das vielas que uniam as famílias. Com o crescimento e desenvolvimento da cidade de Curitiba, as autoridades municipais intervieram na geografia do lugar, rebatizando-o com o nome de Candido Hartmann (de origem alemã), o que poderia impossibilitar identificar no futuro que aquele espaço era originalmente composto por famílias ucranianas.

Assim, a feitura da avenida reinventou os contornos e os acessos à custa de desapropriações e do afastamento de muitas famílias imigrantes para regiões mais afastadas. Por outro lado, há exemplos que a iniciativa de egresso partiu dos próprios imigrantes e descendentes já que não fazia mais sentido permanecer em locais aonde os laços de familiaridade e proximidade foram amainados. Percebe-se que o tracejar da avenida não só retirou as famílias como atenuou as motivações de lá permanecer. A funcionalidade e o utilizável desbancaram subjetividades e negligenciaram memórias da etnia que estavam instaladas em muitas moradias.

No bairro dos *ucraínos*, desde sua formação no final do século XIX, as casas foram construídas próximas uma das outras, não só por aparentar certa unidade entre o grupo, mas como estratégia de proteção e conservação dos bens culturais. A este respeito a historiadora Giralda Seyferth (1990, p.65) ao falar dos imigrantes em geral nota que "a imigração no contexto urbano tem como característica principal a aglutinação dos imigrantes de mesma origem em torno de interesses comuns e estimula a solidariedade para enfrentar situações novas".

Segundo Dom Jeremias Ferens (2010), arcebispo ortodoxo ucraniano, ainda na década de 1970, "as pessoas se visitavam frequentemente, conversavam na língua materna, trocavam receitas, combinavam cerimônias de casamento e batizado com o sacerdote que também morava com eles". Os saberes étnicos e religiosos circulavam e se intercambiavam no cotidiano, parecendo natural expressar sua *ucraneidade* nos muitos afazeres do dia a dia. "As crianças brincavam na rua, tocavam o gado de um lado para o outro", sem muito se preocupar com a circulação de estranhos. "As noites pareciam mais escuras, ouviam-se os grilos e as cigarras executarem suas sinfonias e, pela manhã, em cima das árvores, o majestoso cantarolar dos pássaros anunciando um novo dia". A lembrança do prelado ainda o faz ouvir o cantar dos pássaros que exibiam seus gracejos ritmados sobre os ramos das árvores que, hoje, fornecem matéria-prima que os encarceraram em lindas e modernas gaiolas dependuradas em varandas dos apartamentos. Para o arcebispo, "não é mais o mesmo som, porque passarinhos em cativeiro não cantam suas alegrias, mas lamentam sua falta de liberdade". A forma poética, leve e sedutora de descrever as lembranças pelo arcebispo parece fazê-lo acreditar na existência única de um passado melhor do que o presente. Se na memória de Dom Jeremias os grilos, as cigarras, os pássaros e a pouca luminosidade da noite ainda pululam em sua memória por puro arrebatamento do pretérito, há que se conceder um tributo às impressões congeladas da cultura étnico-religiosa que ainda o impressionam e tiram do adormecimento os desejos da antiga estrada por onde as crianças tocavam o gado e executavam suas traquinagens e peraltices.

Pelo depoimento acima, verifica-se que houve certo esforço para apreender as novas maneiras de se viver no bairro repaginado. Os bens culturais expostos em cenários urbanos, fundem-se aos outros contextos da cidade, intervindo na maneira de preservar o que se julga característico da etnia. Usando uma expressão de Baudelaire (2007), o ucraniano no bairro moderno do Bigorrilho é um "pintor de costumes" que seleciona e que recolhe, ao final do dia, as imagens a partir das quais tenta relembrar sua *ucraneidade*.

Por a cidade não contar seu passado, simplesmente porque o contem tais quais as linhas das mãos (CALVINO, 1990, p.6), por mais que se maquiem os lugares, os ângulos das ruas, "as floreiras nas janelas, os pássaros presos em gaiolas expostas nas varandas, as cores dos gatos que desfilam entre as casas e o latidos dos muitos cães do bairro", persistem nas lembranças de quem assim viveu e desejou aquele lugar (FERENS, 2010)

O desejo do prelado em presentificar o que já experenciou não se reduzia apenas à recordação, revelava-se como símbolo que o transportava para outros anseios. Embora seu olhar esteja voltado para trás, é no presente que ele e muitos dos descendentes ucranianos reaprendem a lidar com as novas sensações trazidas pela nova avenida chamada Candido Hartmann. A avenida dos *ucraínos* ou a avenida Candido Hartmann, mesmo que se situem no mesmo lugar do mapa, para alguns trata-se de territorialidades diferentes. A prosperidade que se exibe ao longo de suas margens não acalenta a saudade da época em que tudo parecia rotineiro, aprazível nas lembranças, mas que pode ser contestável na empiria.

Também o pertencimento religioso ou a filiação eclesial dos ortodoxos é um dado fundamental a ser considerado dentro da dinâmica da representação étnica articulada ao espaço social urbano, ante a emergência das relações alinhavadas entre costumes e lugares. Em seus discursos, para muitos imigrantes ser 'ortodoxo' não se restringia em seguir fielmente os preceitos religiosos; a inflexibilidade adentrava nas posturas e maneiras de se encarar a vida e fixar-se em poucos ou em único lugar.

Se muitas casas foram destronadas, a igreja permaneceu em seu lugar como uma referência do passado e da comunidade imaginada. Como as mudanças e alterações trazem consigo o conseqüente esquecimento (parcial ou total) do estágio anterior, a igreja, que teimosamente resiste às intervenções e ao aviltamento do bairro que se cria ucraniano, tornou-se memória materializada de uma cultura que evoca presença.

A igreja é um edifício que fala por si. Sua forma arquitetônica em estilo eslavo anuncia um pertencimento e o lugar que ocupa dentro da organização do bairro indica sua função. O templo, independentemente de que selo religioso está vinculado, é lugar onde o sagrado tem sua primazia e, através do qual os que o reconhecem desta forma, se identificam. Assim, a igreja é capaz de regular o comportamento dos presentes e manter algo de específico da etnia; não porta só valores morais e de fé, mas parece ter eficácia e autoridade no grupo. A catedral ortodoxa de São Demétrio registra uma identidade em meio a tantas outras identidades do bairro e, por ser também o invólucro de símbolos, traz consigo as memórias, as recordações e as representações, estabelecendo uma relação de afinidade, servindo de constante evocação da memória pela repetição, para não sumir, desaparecer, desfazer-se e ser esquecida. Por sua vez, "a memória também é redundante: repete seus símbolos, para poder existir" (CALVINO, 1990, p.11), bastando espaço para eclodir.

Aos poucos, antigas moradias foram substituídas por casas do comércio que por sua vez foram repaginadas, ganhando marcas da modernidade nas décadas de 1970 e 1980. As geografias desiguais foram nivelando-se pelos ditames de uma época marcada pela intensa efervescência do progresso urbano. O banal e o marginal metamorfoseiam-se em lugares de distinção e de sobriedade, demonstrando que lugares são frágeis vítimas das práticas arquitetônicas e das "opções de um urbanismo servil que visa o lucro em detrimento da cultura" (ANSAY, SCHOONBRODT, 1989, p.16).

A Candido Hartmann não é apenas uma avenida; é um lugar de coexistências, de cruzamento das correntes culturais, de visões de mundo cuja materialidade se acomoda na dinâmica de relações próprias do urbano. Ao seu redor, quadros de vida que se interpolam, fazem embaralhar o sagrado e o profano, enfatizando entre eles a ausência de linhas demarcatórias que poderiam estabelecer limites, já que a Catedral e as sofisticadas casas de comércio coexistem no mesmo espaço.

Nesta esteira, Nestor Garcia Canclini (2008, p. 258) sugere que a urbanidade seja capaz de aliançar práticas culturais dessemelhantes até porque, segundo o autor, na modernidade nega-se a demarcação de territórios culturais, entrando em cena a hibridação. Surgida da criatividade individual e coletiva que reconverte e reinsere práticas culturais distintas a hibridação facilita a circulação, troca e interação de novas maneiras de se encarar o diferente. Em espaços urbanos parece que as fronteiras são muito líquidas, porosas e pouco funcionais.

Os ucranianos de Curitiba, experienciavam o entrecruzamento de diferentes tempos históricos: tradição camponesa e práticas modernas do viver, fazendo-se presente em espaços e tempos contemporâneos. Embora Canclini (2008, p.283) assinale não haver forte oposição entre o urbano e as práticas culturais do mundo rural, os ucranianos ortodoxos ajustavam-se às exigências da cidade para poder encenar e demonstrar vínculos locais de afetividade, em novos cenários.

É preciso pontuar que os novos espaços forçaram os ucranianos a uma re-socialização já que a urbanização do Bigorrilho trouxe novos moradores e/ou transeuntes com novos hábitos e novos comportamentos exigindo em nome da acomodação e interação, um outro aprendizado. As transformações do lugar de recepção o tornaram um espaço estranho e que passava ser analisado e mensurado tendo como referência o passado e o que se herdou dele. O panorama urbanístico implantado no bairro não só verticalizou as habitações como

remodelou significativamente os modos de morar, de trabalhar, circular e viver. Além do alargamento da avenida e da construção de outras, o incremento dos serviços de abastecimento de água, esgoto e de iluminação pública proporcionou condições outras de vida social para imigrantes ucranianos acostumados a um espaço geográfico mais familiar, sem a heterogeneidade de tipos, sem aglomerações e tumultos.

Se "as palavras insuflam a vida na história", como afirma Paul Thompson (1992, p.41), nem sempre significa que esta vida fosse a desejada por todos. Maria Olikéria (2010) relata, por exemplo, que "depois que as máquinas chegaram para alargar as estradas, a vida ficou mais agitada e o barulho nunca mais foi embora. Tempos bons eram aqueles onde se podiam, em vez de barulho, ouvir os pássaros das árvores cantarem, em vez de fumaça, respirar ar puro!" Maria em seu relato conta que sente saudades do ar que podia respirar quando as máquinas ainda não poluíam o ambiente. Naquela época, especifica Maria, as fumaças que subiam ao céu "era apenas das chaminés dos fogões a lenha". Depois que caminhões, escavadeiras e máquinas de terraplanagem faziam parte do cotidiano, as fumaças saídas das chaminés se sentiam intrusas num céu que foi assenhoreado por outros gases.

Maria e outros ucranianos ao assistirem a urbanidade adentrar em seus territórios acionavam dispositivos para reagirem ao diferente. As máquinas trouxeram em seu bojo não só barulho como também afastou o caráter organizacional do lugar ao subtrair elementos que auxiliavam na identificação de uma comunidade rural a que estavam acostumados. Desde então, o entorno sócio-cultural (a rua, a viela, as árvores e as casas) passou a ser visto sob novos olhares e, às vezes, pela óptica do estranhamento. A mudança do lugar acarreta mudanças na maneira como pessoas se vêem e como enxergam os outros. Neste sentido, Sandra Pesavento (1999, p.48) referindo-se a Paris compartilha com a idéia de que um "novo sentimento é inaugurado pela estranheza de se viver, representar, entender e sentir em locais transformados, fazendo com que nas pessoas ecloda "uma nova postura diante do fenômeno urbano".

Se os imigrantes desejavam a estagnação do lugar, o poder público, contudo, almejava uma concepção moderna de se viver no centro de Curitiba - que se espraiava para os bairros- baseado na diversificação, mobilização e circulação dos bens (materiais e culturais), onde a vida pudesse acontecer de maneira civilizada e racional. Os habitantes desses espaços remodelados (imigrantes ou não) deveriam caracterizar-se em contraposição ao habitante do campo e do meio rural considerando-se um sujeito urbano, citadino, o que de certa forma fez

brotar em alguns imigrantes o sentimento de estranheza e de não mais identificação. A mudança se deu a passos tão largos que muitos não acompanharam.

A nova Avenida Candido Hartmann estava sendo preparada para a modernidade à medida que arquitetava terrenos essências à vida citadina, mesclada pelo progresso, mas também pela desordem. Territorialidades do silêncio e *habitat* exclusivo dos ucranianos foram se perdendo, o que se constatava pela ausência da língua eslava dos diálogos dos transeuntes e pelos roncos dos motores ligados que compunham a trilha sonora dos cenários que retratam um mundo em obras. Era preciso então buscar outras paragens de identificação!

Na esteira do pensamento do sociólogo Walter Benjamin (1987, p. 26), nenhum rosto é tão surrealista quanto o rosto de uma cidade, justamente por condensar aspectos múltiplos em um só espaço. Curitiba não se tornou o *lugar* somente dos ucranianos, mas de tantas outras etnias (italianos, poloneses, árabes, japoneses, alemães) compondo um mosaico cultural diverso. Relevante é observar que por mais que a cidade agasalhe munícipes de tantas origens, espaços foram inspirados, pensados e construídos para serem referências de patrimônio cultural, o que poderia sugerir uma forma de fronteira. Contudo, em capitais metropolitanas, pensar em esquadrinhar e delimitar territórios aonde é possível acomodar o que se julga específico é condenar-se à estigmatização e à marginalidade. Para além do conceito de ser a parte limítrofe de um espaço em relação a outro, a fronteiras circunscritas em espaços urbanos não podem ser concebidas por único viés: mais do que uma demarcações, são portas de passagem, pontos de transição e de intermediação.

Se o meio rural, por certo, aparece como o *locus* privilegiado de manutenção da cultura e costumes étnicos, onde praticamente a possibilidade de fazer negociações para lograr certa interação era mínima, em Curitiba com a edificação *dos lugares de memória*, percebe-se que se tentou trazer o campo para o espaço urbano, dando-lhe enobrecimento. Desta forma, a cidade se abre às paisagens protocolarmente elaboradas com a invenção de espaços distintos onde o culto à cultura se equipara ao culto à natureza.

O *Parque Tingui* e a *Praça dos Ucranianos* podem ser considerados lugares de cruzamento de correntes diversas cuja materialidade cultural se acomoda na dinâmica das relações das quais se serve para existir. Ao se impingir marcas de identificação étnica na cidade corre-se o risco de se propagar a necessidade da existência territórios exclusivos aos diferentes. Tal pensamento é pulverizado pela própria urbanidade que essencialmente é capaz de aliançar práticas culturais dessemelhantes desbancando toda e qualquer forma cativa de se

viver em separado. Isto porque, diferentemente do que ocorre em meios rurais onde a demarcação de linhas imaginárias restringe a circulação, troca e interação da cultura entre outros campos de encenação cultural, em espaços urbanos parece que as fronteiras são muito líquidas, porosas e pouco funcionais.

Se a imigração não pode ser vista apenas como mero deslocamento de pessoas, mas também como deslocamento da cultura e do simbólico é em territórios específicos ou não que tal cultura se materializa.

A cidade, como não tem compromisso com nenhuma etnia especifica, pois abarca todas, a materialidade cultural torna-se patrimônio não mais exclusivo de uma grupo, mas de toda a urbe. Em espaços urbanos, não se apaga o especifico de um grupo, justamente porque se realoca a outros planos ou a outros graus de importância (AUGÉ, 1994, p.72). Nota-se aqui, que a crença de que um grupo de pessoas possa ser o único guardião de valores culturais seus é atenuada quando se transfere estas responsabilidades ao poder público. Se os ucranianos atuam nos cenários da cidade, mesmo que coadjuvando, emprestando-lhe plasticidade, movimento e som, observa-se que a materialidade cultural de um grupo, pode ser expressa sob diversas formas e é reeditada e reinventada tantas vezes quanto for possível transpor, individual ou coletivamente, aspectos importantes do que se julga importante para uma família, um grupo, uma comunidade, uma etnia.

Referências

ANSAY, Pierre. Pensar a cidade. Textos escolhidos. Bruxelas. AAM Editoras, 1989.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas – SP: Papirus, 1994.

BAUDELAIRE, Charles. Sobre a modernidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In.: KOTHE, Flávio R. (org). Sociologia. São Paulo. Ática, 1985.

CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GIDDENS, Anthony. Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SEYFERTH, Giralda. Imigração e cultura no Brasil. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007, p. 12.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 279-290, 1995. p. 280.

PESAVENTO, Sandra Jathay. O imaginário da cidade: versões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.